



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v11.982>

A hermenêutica como um pressuposto para a teologia atual

Hermeneutics as a presupposition for current theology

Cristian Fabiani¹

Resumo

Diante do pluralismo religioso, dos fundamentalismos existentes, da compreensão do ser humano e do contexto social, sobretudo da segunda metade do século XX e início do século XXI, a teologia sentiu a necessidade de encontrar uma nova metodologia para melhor responder os desafios antropológicos e teológicos apresentados. Instigados pelas proposições do Concílio Vaticano II, os teólogos foram desafiados a fazer teologia a partir da experiência histórica contemporânea sem esquecer do fundamento teológico cristão que é a Ressurreição de Jesus Cristo: um acontecimento do passado, mas numa realidade sempre atual e futura. Um dos grandes teólogos que destacou-se, pela sua preocupação com a nova linguagem teológica, foi Claude Geffré, que, na hermenêutica, encontrou um espaço propício para tal atividade. A partir dessa proposição, tem-se o intento de apresentar, neste artigo, três momentos: dois introdutórios, a saber, a reviravolta pragmático-linguística na passagem da Modernidade para a Contemporaneidade da tradição filosófica e a necessidade de uma nova linguagem para a teologia e um momento final com a reviravolta metodológica na teologia baseado na hermenêutica e na sua importância para a atualidade.

Palavras-chave: Hermenêutica teológica. Reviravolta pragmático-linguística. Teologia pós-conciliar. Linguagem. Claude Geffré.

Abstract

Faced with religious pluralism, existing fundamentalisms, the understanding of human beings and the social context, especially in the second half of the twentieth century and the beginning of the twenty-first century, theology felt the need to find a new methodology to better answer challenges anthropological and theological presented. Instigated by the propositions of the Second Vatican Council, theologians were challenged to do theology from contemporary historical experience without forgetting the Christian theological foundation that is the Resurrection of Jesus Christ: an event from the past, but in an ever-present and

¹ Graduado em Filosofia – UCS. Graduando em Teologia - PUCRS. Discente no Programa de Pós-Graduação em Teologia - PUCRS. E-mail: cristian.fabiani@edu.pucrs.br

future reality. One of the great theologians who stood out, for his concern with the new theological language, was Claude Geffré, who, in hermeneutics, found a suitable space for such activity. From this proposition, we intend to present, in this article, three moments: two introductory ones, namely, the pragmatic-linguistic turnaround in the passage from Modernity to the Contemporary of the philosophical tradition and the need for a new language for theology and a final moment with the methodological turnaround in theology based on hermeneutics and its importance for today.

Keywords: Theological hermeneutics. Pragmatic-linguistic turnaround. Post-council theology. Language. Claude Geffré.

Ao longo do século XX, houve um grande esforço na tentativa de atualizar a linguagem teológica que já não mais correspondia e se fazia entender para o tempo presente. Muitos teólogos se destacaram ao dedicarem seus escritos à essa renovação como Rahner, Balthasar, Kasper, Congar e outros. O ponto culminante desse movimento teológico² foi o Concílio Vaticano II. No discurso de abertura do Concílio, o Papa João XXIII, ao dar as razões pelas quais o convocava, fez o pedido de uma atualização eclesial, o famoso “*aggiornamento*”. Esse foi o motivo de um novo florescer teológico que levasse em conta a realidade atual da Igreja, do mundo e da fé. A partir de então não era mais possível fazer teologia como antes.

A nova teologia constituiu-se praticamente num movimento de volta às fontes originárias, porém com uma nova linguagem condizente à realidade hodierna. Ao mesmo tempo, não somente a teologia, mas todo o movimento intelectual passou por uma renovação estrutural e linguística desde a entrada do período contemporâneo. A linguagem tomou assim, uma importância muito mais expressiva do que tivera ao longo dos períodos da história. Isso porque, diferentemente da tradição filosófica moderna que tomou a consciência como núcleo em torno do qual se constituiu uma metafísica da subjetividade, a vertente contemporânea, de modo geral, optou por deslocar o centro de suas atenções para fora do sujeito³. Com isso, para uma grande parte de autores do pensamento contemporâneo, a linguagem tornou-se um referencial paradigmático.

A partir da linguagem que marca o atual momento do pensamento e do conhecimento, também surgiram as novas compreensões e aprofundamentos no campo da teologia como, por exemplo, a evolução da exegese bíblica com o método histórico crítico, os novos desafios da moral, as questões sociais, as novas

² O movimento principal na teologia desse período próximo ao Concílio foi a *Nouvelle Theologie*.

³ A esse respeito pode-se consultar o quarto e o quinto capítulos de OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *A ontologia em debate no pensamento contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2014.

compreensões de ser humano, do mundo, das coisas. Não diferente, para a teologia, é preciso, então, uma forma do fazer teológico pela qual todas essas questões atuais fossem contempladas. Descobriu-se, assim, a hermenêutica como uma “dimensão interior da razão teológica”⁴ pela qual a teologia atual pôde responder àquilo que o Concílio havia proposto.

Apresenta-se, pois, a seguir, uma reflexão acerca do movimento de reviravolta da linguística, sobretudo no âmbito filosófico e, a partir disso, a necessidade de uma nova linguagem no campo teológico embasado pela hermenêutica.

A reviravolta pragmático-linguística na contemporaneidade

A filosofia a partir do declínio da Modernidade e do início do pensamento Contemporâneo – em torno da metade século XIX em diante, sobretudo na passagem para o século XX – sofre uma mudança de perspectiva, sobretudo, no tocante aos conceitos de consciência, subjetividade, ontologia, linguagem e etc. Esse fenômeno não é novo na história da filosofia, contudo, diferente da tradição filosófica Moderna, na Contemporaneidade, há um deslocamento, para fora do sujeito, do centro do pensamento filosófico.

Em toda a história da filosofia até a Modernidade, o pensamento ou o conhecimento filosófico foi posto em discussão através da linguagem. Esta retratava e apresentava ao mundo o conhecimento. No meio Contemporâneo, a linguagem já não é mais tratada apenas como um dizer o conhecimento, mas como um conhecimento em si ou como uma condição de conhecimento. Então, aquilo que antes era compreendido como um simples enunciado, ou seja, um conteúdo exposto através da linguagem, passa, agora, a ser um enunciado como conhecimento: um fato que por si só já é conhecimento. Isso, resumidamente, é a reviravolta no modelo filosófico-linguístico de pensamento na contemporaneidade⁵.

⁴ GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica na teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 29.

⁵ Há diversos autores que discorrem sobre essa posição como Habermas, Derrida, Gadamer, Saussure e outros. Cada autor propõe, no seu pensamento, um momento ou um ponto específico onde ocorreria essa inflexão na virada linguística. No entanto, todos partem do mesmo paradigma que é a linguagem. Neste artigo explicitaremos mais especificamente, em seguida, a reviravolta conforme o pensamento de Wittgenstein.

Tal importância a linguagem atingiu que Wittgenstein, ainda em sua primeira fase, escreve no *Tractatus Logico-Philosophicus*: “Os limites da minha linguagem significa os limites do meu mundo”⁶. Em outras palavras, a partir de uma reação ao idealismo e ao empirismo moderno, nasce e estrutura-se a chamada filosofia da linguagem que procura analisar a linguagem e o processo de significação a partir de uma corrente analítica focada na linguagem ideal ou, de uma corrente pragmática que investiga a linguagem ordinária no seu uso cotidiano.

Neste artigo, nos interessa especialmente a corrente pragmática pela sua relação entre linguagem e mundo. Embora possa haver uma confusão entre o que viria primeiro – o mundo ou a linguagem, – seria impensável conceber o conhecimento, realizado pelo ser humano, no mundo fora da linguagem ou então um conhecimento pré-linguístico. O mundo em si mesmo é estruturado linguisticamente. Essa concepção acaba, por assim dizer, deixando de lado, ou pelo menos, preocupando-se menos com uma linguagem ideal estruturada logicamente para uma nova compreensão de linguagem aberta aos problemas e desafios atuais e, inclusive, aberta a uma dimensão comunicativa além da cognitiva e expressiva⁷. Afirma Habermas: “A linguagem e a realidade interpenetram-se de uma maneira indissolúvel para nós. Cada experiência está lingüisticamente impregnada, de modo que é impossível um acesso à realidade não filtrado pela linguagem”⁸.

É por essa corrente pragmática que Wittgenstein, em sua segunda fase, nas *Investigações Filosóficas*, encaminha a sua atenção não mais para a linguagem ideal, mas para o uso que as pessoas fazem da linguagem nos seus contextos de vida. Nesse sentido, o enunciado deve ser analisado dentro do seu contexto e segundo as regras daquele contexto para dar conta do processo de significação. A isso, Wittgenstein aplica os chamados “jogos de linguagem” que são correspondentes à cada contexto. A linguagem então, não possui mais regras fixas e sim relativas àquele jogo de linguagem vigente onde a pessoa se encontra. Contudo, diz ele:

Os nossos simples e claros jogos de linguagem não são estudos preliminares para uma regulamentação futura da linguagem – como se fossem uma primeira aproximação, sem ter em conta o atrito e a resistência do ar. Os jogos de linguagem são muito mais objetos de

⁶ WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tratado Lógico-Filosófico. Investigações Filosóficas*. Ed. 3. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 114.

⁷ São expoentes da filosofia da linguagem com cunho mais pragmático: Habermas, segundo Wittgenstein, Humboldt, G. H. Mead e Ch. Taylor.

⁸ HABERMAS, Jürgen. *Verdade e Justificação*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 39.

comparação, que por semelhança e dissemelhança irão esclarecer os fatos da nossa linguagem⁹.

Nesse sentido, a concepção de mundo que o primeiro Wittgenstein possuía, agora no segundo, é modificada para o mundo enquanto contexto de vida daquela pessoa ou daquele grupo. A partir disso que se pode considerar, no pensamento wittgensteiniano, uma reviravolta pragmático-linguística. Explicita Nigro:

Esta é, portanto, a ‘virada pragmática’ de Wittgenstein: o significado de um enunciado depende do uso que fazemos dele nos diversos contextos. A noção de uso exerce, assim, a função de ‘fundamento sem fundamento’ da significação e a investigação filosófica deve orientar-se para a descrição de tais usos, ou seja, das regras segundo as quais empregamos as palavras¹⁰.

Cabe, a partir de então, ao filósofo, não mais resolver ou mesmo esclarecer os diversos conceitos e problemas postos, mas sim, ao discorrer sobre determinada questão, apresentar os significados descrevendo os seus usos possíveis a partir dessa linguagem pragmática que leva em conta a realidade cotidiana: “A Filosofia, de fato, apenas apresenta as coisas e nada esclarece nem nada deduz. – E uma vez que tudo está a vista, também nada há a esclarecer. Porque aquilo que está oculto, não nos interessa”¹¹.

Essa prévia noção da reviravolta pragmático-linguística a partir do pensamento de Wittgenstein já é suficiente para concluir que todo o pensamento, não apenas filosófico, mas também jurídico, antropológico, sociológico e, notadamente, o pensamento teológico sofrerão mudanças paradigmáticas.

A necessidade de uma nova linguagem para a teologia

O fisicalismo com questão científica, o iluminismo (*aufklärung*) com a questão da razão e as ideologias formadas no tempo da Modernidade, puseram, à teologia, alguns desafios que fizeram os teólogos, a partir do século XIX, repensar a linguagem teológica. Destacou-se nesse período a Escola de *Tübingen*¹² que recebeu a influência do movimento romântico e iniciou o movimento de volta às fontes,

⁹ WITTGENSTEIN, op. cit., p. 264.

¹⁰ NIGRO, Rachel. A virada linguístico-pragmática e o pós-positivismo. *Direito, Estado e Sociedade*, n. 34, p. 170-211, 2009, p. 192.

¹¹ WITTGENSTEIN, op. cit., p. 263.

¹² São representantes dessa Escola: Baur, Möhler, Drey, von Hefele, Kuhn...

especialmente aos Santos Padres esforçando-se especialmente pelo diálogo com a cultura do seu tempo¹³ e a Escola Romana¹⁴ que foi mais influente determinando o caminho da teologia até o Concílio Vaticano II¹⁵. Essas escolas podem ser consideradas como germe da renovação do método teológico.

No início do século XX, a teologia sofreu uma forte influência da crise modernista através dos fenômenos culturais, da liberdade total, do sentimento subjetivo, da crítica à Igreja, aos dogmas, à Tradição e ao Magistério. Essa situação resultou na encíclica *Pascendi* do Papa Pio X e no juramento anti-modernista que provocaram um certo recuo no progresso teológico. No período pós-guerra, a partir da reviravolta linguístico-pragmática da filosofia e da situação da teologia, alguns teólogos franceses e alemães¹⁶ reuniram-se e formaram a chamada *Nouvelle Theologie* com o objetivo comum de uma reforma teológica a partir da escolástica com uma acentuação apologética para realizar um contraponto ao pensamento neo-escolástico. Essa nova perspectiva teológica influenciou fortemente o Concílio Vaticano II¹⁷. O Papa Pio XII, muito provavelmente por medo de uma repetição àquilo que aconteceu com a teologia no início do século XX, publicou em 1950 a encíclica *Humani Generis* silenciando a nova teologia, sobretudo com relação ao seu método¹⁸.

Com esse cenário formado, mais uma vez, a teologia se apresentou necessitada de uma reestruturação e provavelmente de um novo método. Porém não era suficiente. Era preciso, em última análise, de uma nova linguagem. Com a morte de Pio XII foi eleito Papa o cardeal Angelo Roncalli – Papa João XXIII – em outubro de 1958 e, já em janeiro seguinte, 1959, anunciou um novo Concílio Ecumênico para a Igreja. Este se embasaria, segundo Alberigo, em três grandes aspectos: o ecumenismo, a pastoral e a colegialidade episcopal onde os bispos teriam mais liberdade para dialogar e buscar o consenso¹⁹. O termo conciliar mais cunhado foi o

¹³ Cf. ZILLES, Urbano. *História da Teologia Cristã*. Porto Alegre: Terra&Vida, 2014, p. 123.

¹⁴ São representantes dessa Escola: Perrone, Passaglia, Schrader, Franzelin, Dechamps, Klentgen...

¹⁵ Cf. *Ibid*, p. 124.

¹⁶ Por exemplo: De Lubac, Rahner, Chenu, Congar, Balthasar e outros.

¹⁷ Cf. *Ibid*, p. 144.

¹⁸ É importante salientar que embora a teologia enquanto uma ciência que procura estudar, pesquisar, compreender e tecer reflexões inerentes à fé, à Deus e à religião seja independente, o Papa juntamente com o Magistério da Igreja é que decidem uma tese teológica é válida ou não válida para a doutrina católica. Nesse sentido a repreensão, censura, correção ou mesmo a aprovação pelas autoridades eclesiais de um teólogo ou de uma tese teológica acabam norteando o caminho da teologia católica.

¹⁹ Cf. ALBERIGO, Giuseppe. *Breve história do Concílio Vaticano II*. Aparecida: Editora Santuário, 2006, p. 37-38.

“*aggiornamento*” que pode-se traduzir por atualização. Embora os bispos e os padres conciliares não tivessem uma boa formação teológica, muitos teólogos auxiliaram como peritos na elaboração dos textos e nas reflexões. Depois de praticamente três anos concluiu-se o Concílio com dezesseis documentos escritos apresentando uma atualização não apenas de aspectos específicos, mas uma renovação total e integral da vida da Igreja:

A Igreja católica refletiu em nova perspectiva: a) sua estrutura e sua maneira de celebrar (LG e SC), postulando uma revisão dos ritos da missa e dos sacramentos e a adaptação do culto; b) definiu, de maneira clara, sua relação com a Palavra de Deus e o papel desta na vida da Igreja e na teologia (DV), e afirma que a Escritura e a revelação devem ser estudadas pelos métodos modernos de interpretação bíblica; c) mudou sua relação com o mundo e a tecnociência (GS), assumindo atitude positiva; d) da mesma maneira que ajustou ao Evangelho sua atitude em relação aos cristãos de outras confissões, em relação aos judeus, muçulmanos e as outras religiões [UR, DH, NA]; e) a Igreja é descrita em termos bíblicos e históricos (LG)²⁰.

O Concílio, como dissemos acima, provocou uma nova eclesiologia em primeiro lugar. E, foi a partir disso, que também delineou-se o caminho e os aspectos que a teologia deveria seguir. Afinal, ela tinha o dever de explicar, indagar, responder e reformular as teses teológicas a partir de tudo o que o Concílio escreveu e aprovou. De fato, nos anos seguintes ao Concílio, muitas obras de teologia surgiram numa perspectiva totalmente nova ampliando os conceitos e os temas dos documentos. Mas ainda permaneceu o desafio de poder transmitir esse conteúdo da fé juntamente com a fé às novas realidades que se apresentaram concretamente na história e no contexto social e cultural de cada povo. Em outras palavras, embora o Concílio tenha realizado toda uma grande formulação nova com uma linguagem nova e com uma teologia renovada, era preciso, a partir de agora expor esse conteúdo através de um linguagem adequada e inteligível às pessoas.

Como uma tentativa de tentar solucionar esse desafio, o teólogo francês Claude Geffré (1926-2017), a partir da reviravolta pragmático-linguística integrando esse conteúdo à vivência do período conciliar e pós-conciliar e às teses teológicas resultantes disso, identificou que deveria propor à teologia um novo método que pudesse responder e corresponder ao atual contexto do pensável

²⁰ As siglas são correspondentes aos documentos do Concílio: LG- *Lumen Gentium*. SC- *Sacrosanctum Concilium*. DV- *Dei Verbum*. GS- *Gaudium et Spes*. UR- *Unitatis Redintegratio*. DH- *Dignitatis Humanae*. NA- *Nostra Aetate*. ZILLES, op. cit., p. 135.

contemporâneo. Esse método que depois não permaneceu somente como mais um método entre outros, mas que foi deslocado para centro do pensamento teológico, é a hermenêutica.

A reviravolta metodológica da teologia a partir da hermenêutica

A partir da década de 1970, Geffré inicia sua teologia numa perspectiva hermenêutica. Para ele, seria impossível, a partir do desafio do pluralismo religioso e do ateísmo, continuar com uma tradicional teologia da salvação dos infiéis²¹, de certa forma caducada e não condizente com a identidade teológica pós-conciliar. Escreve, então, três densas obras que apresentarão um novo pensamento teológico a partir de uma virada hermenêutica: “*Un nouvel âge de la théologie*”²², “*Como fazer teologia hoje*”²³ e “*Crer e interpretar*”²⁴. Ambas, além de colaborarem à uma resposta aos problemas hodiernos, buscam uma redescoberta da identidade cristã a partir da Escritura e da Tradição, como havia proposto o Concílio, e de uma dimensão prática encontrada no Povo de Deus, sujeitos concretos da história hoje.

Tento em vista o ecumenismo e o diálogo inter-religioso propostos pelo Concílio²⁵, Geffré compreende que é preciso uma proposta teológica que pudesse dialogar com as outras religiões e crenças. No entanto, é importante, primeiramente, delinear alguns princípios que não podem ser refutados para não perder a identidade teológica cristã-católica. Já na introdução do livro “*Crer e interpretar*”, Geffré põe Jesus Cristo como princípio e fundamento de toda a teologia: “[...] a identidade cristã não pode definir-se a não ser referindo-se à Jesus Cristo”.²⁶ O autor retoma essa tese do seu livro anterior: “O ponto de partida da teologia como hermenêutica não é um conjunto de proposições imutáveis de fé, mas a pluralidade das escrituras compreendidas dentro do campo hermenêutico aberto pelo evento Jesus Cristo”²⁷. Essa clareza é fundamental, sobretudo a partir da

²¹ Esta teologia é pré-conciliar. Mesmo na renovação iniciada no século XIX até o Concílio Vaticano II ela permaneceu presente. Nos primeiros anos pós-concílio já havia a clareza da mudança metodológica da teologia. No entanto, é a partir da década de 1970, contemporânea aos escritos de Geffré, que a teologia ganha uma densidade e uma profundidade propriamente utilizando as novas teses e o novo método (de volta às fontes originárias) proposto pelo Concílio.

²² GEFFRÉ, Claude. *Un nouvel âge de la théologie*. Paris: Editions du Cerf, 1972.

²³ GEFFRÉ, Claude. *Como fazer teologia hoje: hermenêutica teológica*. São Paulo: Paulinas, 1989.

²⁴ GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.

²⁵ Conforme os documentos *Unitatis Redintegratio* e *Nostra Aetate*.

²⁶ GEFFRÉ, Ibid, p. 26.

²⁷ GEFFRÉ, 1989, p. 68.

publicação da Declaração *Dominus Iesus*²⁸ que explana a Revelação, a inspiração bíblica e a universalidade e unicidade salvífica de Cristo como imprescritíveis para a teologia, mesmo na situação atual de pluralismo religioso. Sendo o pluralismo um dado determinante para a compreensão tanto religiosa, mas também cultural e intelectual hodierna, Geffré apresenta a hermenêutica como uma nova maneira de fazer teologia. Não seria simplesmente uma forma entre outras onde o teólogo poderia escolher qual utilizar, mas sim, uma dimensão que se encontra no âmago do fazer teológico.

A partir de Jesus Cristo, para formar o seu pensamento teológico, Geffré partiu de dois polos da hermenêutica: de um lado o escrito, neste caso a Palavra de Deus que engloba a Escritura e os textos da Tradição e de outro histórico que é o dado da Revelação e a fé do crente²⁹. Nesse sentido, ele delineia uma breve história da salvação na perspectiva hermenêutica-interpretativa iniciada pela Palavra de Deus.

Embora seja possível fazer uma distinção entre Revelação e Palavra de Deus, elas se relacionam, por exemplo na Escritura, quando Deus falou aos seres humanos, inspirados pelo Espírito Santo, para que escrevessem, ou seja, historicizassem, a própria Palavra de Deus³⁰. Nesse sentido, observa-se claramente no período da Revelação – não apenas em Jesus Cristo, mas em toda a história da salvação – a dinâmica da fala de Deus e da interpretação humana, sobretudo com relação aos textos sagrados. Explana o documento conciliar *Dei Verbum*:

Como, porém, Deus na Sagrada Escritura falou por meio dos homens e à maneira humana, o intérprete da Sagrada Escritura, para saber o que Ele quis comunicar-nos, deve investigar com atenção o que os hagiógrafos realmente quiseram significar e que aprouve a Deus manifestar por meio das suas palavras.³¹

Pode-se perguntar aqui como e, se seria possível, traduzir essa mensagem de Deus em um testamento, uma vez que antes de Jesus Cristo o ser humano apenas conheceu os grandes profetas que falavam em nome de Deus. Note-se que no

²⁸ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Declaração Dominus Iesus*. São Paulo: Paulinas, 2000. No final da introdução do livro *‘Crer e Interpretar’*, Geffré, escreve uma longa nota de rodapé sobre essa Declaração dizendo que distancia-se do pensamento desses teólogos que se desviaram da proposta teológica conciliar, conforme a Declaração apresenta.

²⁹ Cf. GEFFRÉ, 2004, p. 34.

³⁰ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. In. CONCÍLIO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, n. 11, p. 356.

³¹ Cf. *Ibid*, n. 12, p. 357.

documento há a descrição de uma gentileza da parte de Deus em querer falar aos humanos numa linguagem humana e ainda permitir que os humanos escrevessem de uma forma humana a mensagem divina. Assim, Palavra e Revelação se fundem pois a genialidade humana se soma ao dado da fé para compreender a mensagem e escrevê-la conferindo-a uma credibilidade³² que depois foi fixada e confirmada pela Igreja na estruturação do cânon bíblico.

Na sequência histórica, os Santos Padres com a teologia patrística, os quais a Igreja considera-os como pertencentes à Tradição, também escreveram a partir de interpretações da Escritura. Tomás de Aquino, no período medieval, ao aproximar e conjugar a teologia católica com os escritos de Aristóteles, dos chamados primeiros princípios, realiza uma interpretação e uma verificação a partir dos critérios, nesse caso, da ciência aristotélica³³. A partir do Concílio de Trento, com a prerrogativa de afirmar algumas verdades da fé católica que foram postas em dúvida pelo movimento da Reforma com Lutero, a teologia católica debruçou-se mais para explicar e defender a fé propriamente do que reinterpreta-la atualizando-a para a realidade presente. Geffré chama essa teologia de dogmática/dogmatista ou teologia de método dogmático³⁴ pois além de usar de uma apologese, repete apenas os ensinamentos do Magistério. Em última análise, o problema desse método dogmático foi tornar o discurso teológico um discurso reflexivo da Igreja institucional sem aprofundar os temas³⁵.

Com o Concílio Vaticano II, o método exegético-interpretativo da Palavra de Deus e a valorização da experiência e da situação histórica na teologia, a hermenêutica se torna o caminho, atualmente, mais pertinente para interpretar os sinais dos tempos atualizando o mistério de Cristo³⁶. Compreende Geffré por hermenêutica:

O termo hermenêutica evoca movimento de pensamento teológico que, pondo em relação viva o passado e o presente, expõe-se ao risco de interpretação nova do cristianismo para hoje. Esta instância hermenêutica da teologia nos leva a uma concepção não-autoritária da autoridade, a uma concepção não-tradicional da tradição e a uma noção plural da verdade cristã³⁷.

³² Cf. GEFFRÉ, 2004, p. 35.

³³ Cf. GEFFRÉ, *Ibid*, p. 32.

³⁴ GEFFRÉ, *Ibid*, p. 35.

³⁵ Cf. GEFFRÉ, *Ibid*, p. 36. Cf. GEFFRÉ. 1989, p. 66.

³⁶ Cf. GEFFRÉ, 1989, p. 11.

³⁷ Cf. GEFFRÉ, *Ibid*, p. 63-64.

O autor aponta para uma nova interpretação onde a autoridade não seja autoritária, ou então onde o Magistério – que é a autoridade eclesial responsável pela interpretação da Escritura e da Tradição – acolhe e compreende as novas perspectivas de estudos teológicos sem dogmatizar sentenças, uma vez que elas supõem discussão, contexto histórico, social e etc. Ao mesmo tempo, a Tradição que precisa continuamente ser reinterpretada e atualizada levando em conta a situação atual e também os novos sinais de fé e religiosidade.

Isso tudo resultará numa pluralidade religiosa que, por sua vez, poderá pluralizar uma verdade de fé. Não necessariamente uma pluralidade dentro de uma teologia específica, como por exemplo a católica, mas na relação e no diálogo com as outras teologias, poderá ser encontrada, sob o mesmo ponto, mais de uma compreensão, ou seja, mais de uma verdade. Esse movimento já é encontrado, de forma semelhante, no Concílio quando na *Lumen Gentium*, no primeiro número³⁸, a Igreja é concebida como “sacramento de salvação”: ela é um dos meios de salvação, mas não o único meio pois não é possível delimitar os meios da ação salvífica de Deus. Logo, por essa afirmação, pode-se concluir que existem outros meios e, assim sendo, não há apenas uma única verdade encerrada em si mesma, por exemplo, nesse caso, dos meios de salvação. Rahner exemplifica isso através do conceito de “cristãos anônimos”: uma pessoa inserida num mundo plural poderá fazer uma verdadeira experiência cristã mesmo sem estar ligada ao cristianismo³⁹. É nesse sentido mais abrangente que Geffré propõe uma nova teologia a partir da hermenêutica.

Clareado o termo, passa-se agora para o processo hermenêutico teológico que se constitui por quatro características⁴⁰: uma nova interpretação do evento Jesus Cristo, a anamnese, a significação e a reinterpretação. Na primeira, Geffré propõe uma nova interpretação do evento Jesus Cristo pois a Escritura, como dissemos acima, também é um ato de interpretação da primeira comunidade cristã. Dado que o mundo e o homem existem numa dimensão histórica e isso faz a vida mudar continuamente, a própria Escritura primeira foi suscitando, ao longo dos tempos, sob a ação do Espírito Santo, novas escrituras como atos interpretativos que

³⁸ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In. CONCÍLIO VATICANO II, op. cit., n. 1, p. 102.

³⁹ Cf. RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1989, p. 466-471.

⁴⁰ Cf. GEFFRÉ, Ibid, p. 68-70.

testemunham a experiência cristã. Vê-se essa perspectiva nos diversos escritos e comentários bíblicos, na constituição das ordens religiosas, nos documentos da Igreja ao longo da história.

A segunda característica é a anamnese e junto dela a profecia, pois na hermenêutica a compressão do *intellectus fidei* não se resume apenas ao conhecimento da razão que, por sua vez auxilia na fé – como diria Agostinho: *intellige ut credas, crede ut intelligas*. Agora há também o compreender histórico. Sem este, não seria possível uma interpretação atual e nem projetada para o futuro. Por isso, a anamnese é a interpretação de um evento fundante – Jesus Cristo – mas que responde ao hoje e que se projeta para frente – a profecia.

A significação consiste em não apresentar apenas os conteúdos da fé e interpretá-los à luz das Escrituras e da Tradição. Procura apresentar a “significação sempre atual da Palavra de Deus, em sua forma escriturística, dogmática ou teológica, em função das novas experiências históricas da Igreja e do homem de hoje”⁴¹. Não pode ser considerada, então, apenas uma soma da diferença de uma teologia positiva, que observa somente o dado histórico e de uma teologia especulativa, que faz a explicação radical desse dado histórico. É, pelos objetos textuais, ou seja, do evento inicial e dos textos da Tradição, olhar para o dado histórico e dar o sentido, o significado, ou, em outras palavras, produzir teologia que reverbere para os seres humanos hoje.

A última característica é a reinterpretação não mais do evento Jesus Cristo, mas do Dogma. Como afirmamos, novas escrituras suscitaram ao longo dos tempos, e o Dogma, por sua vez, também é fruto dessas novas escrituras. Contudo, a primeira Escritura é a autoridade última da Palavra de Deus, ou seja, a *norma normans non normata*. Nesse sentido, essa reinterpretação seria tomar o Dogma constituído, olhar para a Primeira Escritura, para a leitura atual da Escritura e, com isso, reinterpretar o Dogma. Seria quase uma reinterpretação de uma interpretação.

Além das quatro características, Geffré aponta, posteriormente, para uma outra que é chamada de comunicabilidade⁴². Esta diz respeito ao *consensus fidelium*, ou seja ao consenso do conjunto dos fieis como testemunhas da fé⁴³. É um instinto que permite reconhecer se determinado ensinamento está ou não de acordo

⁴¹ GEFFRÉ, Ibid, p. 69.

⁴² GEFFRÉ, 2004, p. 52.

⁴³ A respeito disso consultar: COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *O Sensus fidei na vida da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2015.

com o centro da fé que é o evento Jesus Cristo. Esse conceito foi retomado no Concílio quando o Papa João XXIII, segundo Alberigo, como explanamos acima, queria que houvesse um consenso entre os bispos para aprovação dos documentos conciliares. Esse mesmo conceito se fez importante na promulgação dos Dogmas e, hoje, com o ecumenismo, permite as diversas Igrejas dialogarem de forma pacífica e até mesmo chegarem a algum consenso segundo a verdade de cada uma⁴⁴.

Assim, essas características que acompanham o método hermenêutico trazem para hoje, através da teologia, todo o dado da fé numa nova linguagem, pois a verdade dos enunciados da fé estão sob uma perspectiva histórica. Como exemplo pode-se tomar o evento da Ressurreição de Jesus. A Ressurreição é tratada no Novo Testamento não a partir de provas no sentido empírico, mas de testemunhos: de Madalena, dos Apóstolos, mais tarde, no ato da fração do pão em Emaús. E o testemunho, na verdade, “é sempre um evento de palavra: ele é o dizer de alguém a alguém”⁴⁵. Porém, no testemunho torna-se difícil fazer um julgamento dizendo que ele é apenas subjetivo em oposição ao objetivo. Geffré diz que alguém testemunha para “celebrar uma ordem objetiva de verdade”⁴⁶. É objetiva e verdadeira porque o testemunho se dá, nesse caso, a partir de um crente ou de uma comunidade de crentes professando a sua fé naquela determinada crença. Então, há uma diferença entre os demais acontecimentos da vida de Jesus e na ressurreição. Naqueles, a palavra pronunciada como testemunha bastava pois os milagres eram claros e perceptíveis: cura do paralítico, cura de enfermos e etc. Nessa, embora também seja real, não está no mesmo plano. O testemunho aqui precisa do pressuposto da fé. Assim a própria fé se torna “objeto de testemunho”⁴⁷. Revela-se assim um novo atributo que é a fé. Em outras palavras, a hermenêutica teológica, além da Escritura, da Tradição e do dado histórico, necessita também da fé para poder explicar seus conteúdos e atualizá-los a partir de uma linguagem da fé pascal que constitui o núcleo do evento Jesus Cristo.

A principal novidade que essas características de uma teologia hermenêutica trazem é a dimensão da realidade histórica concreta e da realidade histórica baseada

⁴⁴ Um belo exemplo de consenso foi a Declaração conjunta sobre a doutrina da justificação, assinada em 1999 entre católicos e evangélicos luteranos. Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_d oc_31101999_cath-luth-joint-declaration_po.html

⁴⁵ GEFFRÉ, 1989, p. 105.

⁴⁶ GEFFRÉ, *Ibid*, p. 108.

⁴⁷ Cf. GEFFRÉ, *Ibid*, p. 109.

na fé. Embora pareça haver uma contradição – história concreta e história da fé, – não há. A história concreta narrada nos textos bíblicos, por exemplo, supõe um determinado contexto histórico com seus problemas, dificuldades e etc. Porém a mensagem bíblica aplicada à essa história concreta não permanece somente para aquele determinado momento e para aquela determinada cultura. Ela é universal e ampla. Aqui, nesse sentido, configura-se a história da fé, que mediante uma boa hermenêutica, pode ser aplicada ao contexto atual, ou seja, à dimensão histórica concreta atual. Depreende-se então, para que a fé, a Palavra de Deus e os ensinamentos da fé sejam transmitidos de modo autêntico no mundo hodierno, ou seja, pós-cristão, é preciso que a teologia observe os elementos históricos e reinterprete seu conteúdo conferindo um novo sentido ao cristão de hoje. Essa é a tarefa e o desafio dos teólogos atuais.

Considerações finais

A hermenêutica compreendida como uma “dimensão interior da razão teológica” ou como um “novo paradigma teológico” revela a necessidade de atualização constante do método de fazer teologia para responder as demandas hodiernas. Como expomos acima, Claude Geffré apresenta a dimensão histórica como a principal característica da teologia atual que se não for considerada, não poderá cumprir o seu papel de interpretar, autenticamente, a fé.

Nesse sentido, a teologia como hermenêutica tomou o lugar da teologia dogmática, não tornando-se “adogmática”, mas incluindo a historicidade de toda a verdade tanto da Escritura, ou seja, Revelada, quanto da interpretação humana através dos diversos escritos que de alguma forma procuraram dar um sentido e atualizaram a mensagem divina e os ensinamentos da fé. Afinal, muitas definições de fé, como os Dogmas, somente são compreendidos na sua totalidade quando observada a situação histórica que as provocaram.

O evento da Ressurreição de Jesus é o acontecimento mais emblemático para entender a necessidade de uma hermenêutica na teologia pois não se compreende o pela dimensão histórica científica, mas pela dimensão histórica da fé que fez o crente de todos os tempos viver o seu hoje e provocando também, na sua história, a esperança de um futuro. Ou seja, uma perspectiva de fé antiga, sempre atual e futura.

Referências

ALBERIGO, Giuseppe. *Breve história do Concílio Vaticano II*. Aparecida: Editora Santuário, 2006.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *O Sensus fidei na vida da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2015.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Dei Verbum. In. CONCÍLIO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium. In. CONCÍLIO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Declaração Dominus Iesus*. São Paulo: Paulinas, 2000.

GEFFRÉ, Claude. *Como fazer teologia hoje: hermenêutica teológica*. São Paulo: Paulinas, 1989.

GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica na teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.

GEFFRÉ, Claude. *Un nouvel âge de la théologie*. Paris: Editions du Cerf, 1972.

HABERMAS, Jürgen. *Verdade e Justificação*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

NIGRO, Rachel. A virada linguístico-pragmática e o pós-positivismo. *Direito, Estado e Sociedade*, n. 34, p. 170-211, 2009.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *A ontologia em debate no pensamento contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2014.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1989.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tratado Lógico-Filosófico. Investigações Filosóficas*. Tradução de M. S. Lourenço. Ed. 3. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

ZILLES, Urbano. *História da Teologia Cristã*. Porto Alegre: Terra&Vida, 2014.

*Recebido em: 13/08/2020.
Aprovado em: 02/09/2020.
Publicado em: 07/09/2020.*